

# Worker participation in GIG economy – long term scenarios for automotive sector

## NATIONAL REPORT Portugal

### Um contexto particular para um conceito pouco preciso

A economia GIG (GIG economy<sup>1</sup>) começou por ser uma resposta da economia ao enorme impacto no emprego da grande crise dos anos 2007-2010<sup>2</sup>. Muitos milhares de quadros de empresas ficaram sem trabalho e sem saída e, tal como os músicos dos bares eram já antes contratados por cada noite de atuação (GIG), esses quadros, principalmente de Bancos, seguradoras, setor imobiliário, empresas financeiras, IT e indústrias criativas, passaram a fazer trabalho GIG, mediado por plataformas online, para diferentes contratantes.

GIG começou como um conceito relativamente restrito: é o trabalho em regime de freelance<sup>3</sup> mas trabalho qualificado. Esta economia gira em torno da contratação de trabalhadores independentes para realizar trabalhos específicos em troca de um pagamento acordado.

Progressivamente perde essa característica de qualificação e entra-se num conceito bem mais difuso, alargado; o trabalho em plataformas (a plataformização) proporcionada pela digitalização, o crowdworking cresce, mas também os trabalhadores que não conseguiam empregos passaram a oferecer assim os seus serviços. Esta mudança coloca novos e grandes problemas ao emprego, aos trabalhadores e aos seus representantes: Diálogo social, negociação coletiva, bem como condições de trabalho, direitos laborais, proteção da saúde no trabalho, garantia dum trabalho/emprego decente, são problemas que preocupam todas as instituições

Os setores que recorrem a este tipo de trabalho também se alargaram consideravelmente.

A GIG assumiu importância numa recente revisão independente das práticas modernas de emprego<sup>4</sup>. A revisão, encomendada pelo governo inglês, face à perceção do crescimento do

---

<sup>1</sup> GIG Economy foi buscar o termo “gig” que se atribuíam aos músicos de Jazz que nos anos 20 saltavam de bar em bar nas ruas de Chicago à procura de trabalho.

<sup>2</sup> 6,9 milhões de empregos destruídos.

<sup>3</sup> Freelancers são os indivíduos que se disponibilizam para serem contratados para um trabalho temporário. Eles podem encontrar empregos através de plataformas eletrónicas, especializadas ou não, assim como por contacto pessoal, anúncios classificados, agências de trabalho temporário ou outros meios.

<sup>4</sup> Taylor, M, Marsh, G, Nicole, D, Broadbent, P (2017) Good Work: The Taylor Review of Modern Working Practices. Available at: <https://www.gov.uk/government/publications/good-work-the-taylor-review-of-modern-working-practices>



trabalho precário, definiu a economia GIG como 'pessoas que usam aplicativos (também conhecidas como plataformas) para vender seu trabalho' <sup>5</sup>.

A economia GIG tanto consiste no trabalho por plataformas localmente entregue e, portanto, exige que o trabalhador esteja presente fisicamente, como no trabalho transacionado e entregue a distância por plataformas <sup>6</sup>. O trabalho local inclui entrega de alimentos, entrega de encomendas, transporte e trabalho manual. O trabalho GIG remoto, por contraste, consiste no fornecimento a distância de uma ampla variedade de serviços digitais, desde o lançamento de dados até a programação de software, através de plataformas como Amazon Mechanical Turk, Fiverr, Freelancer.com, Zaask, Veveeoo.Guru e Upwork.

Foi já em 2016 que a Comissão Europeia definiu GIG economia. Na sua publicação sobre o futuro do trabalho <sup>7</sup>, definiu a economia gig como a economia em que as tecnologias permitem juntar equipas à volta dum determinado projeto, muitas vezes atravessando as fronteiras, usando plataformas para o contacto entre compradores e vendedores. Logo a CE adverte para o facto de muito do trabalho assim prestado ocorrer sob a designação de economia colaborativa.

Na verdade, com a vulgarização destas práticas, temos um conceito mais alargado e uma designação variável, desde a GIG às plataformas, passando pelo crowdwork, pela shared ou pela collaborative economy.

O Eurofound, por seu lado, parece preferir o trabalho em plataformas, que define com precisão<sup>8</sup>: "O trabalho em plataforma é uma forma de emprego que usa uma plataforma online para permitir que organizações ou indivíduos acessem a outras organizações ou indivíduos para resolver problemas ou fornecer serviços em troca de pagamento.

As principais características do trabalho da plataforma são as seguintes:

- O trabalho pago é organizado através de uma plataforma online.
- Três partes estão envolvidas: a plataforma online, o cliente e o trabalhador.
- O objetivo é realizar tarefas específicas ou resolver problemas específicos.
- O trabalho está terceirizado.
- Os trabalhos são divididos em tarefas.
- Os serviços são fornecidos a pedido.

É ainda o Eurofound que sente necessidade de clarificar a diferença entre trabalho e economia de plataforma: "Como o principal bem comercializado é o trabalho, em vez de materiais ou capital, as plataformas de vendas (como o eBay) ou plataformas que fornecem acesso a acomodações (como o Airbnb) ou serviços financeiros ficam fora desta definição. Além disso, transações não comerciais, como voluntariado, redes, mídias sociais (como o LinkedIn) ou

---

<sup>5</sup> Taylor, M, Marsh, G, Nicole, D, Broadbent, P (2017) Good Work: The Taylor Review of Modern Working Practices. Available at: <https://www.gov.uk/government/publications/good-work-the-taylor-review-of-modern-working-practices>

<sup>6</sup> Huws, U, Spencer, NH, Joyce, S (2016) Crowd work in Europe: preliminary results from a survey in the UK, Sweden, Germany, Austria and the Netherlands. FEPS Studies, December. Available at: <http://www.feps-europe.eu/assets/39aad271-85ff-457c-8b23-b30d82bb808f/crowd-work-in-europe-draft-report-last-versionpdf.pdf>

<sup>7</sup> [https://ec.europa.eu/epsc/sites/epsc/files/strategic\\_note\\_issue\\_13.pdf](https://ec.europa.eu/epsc/sites/epsc/files/strategic_note_issue_13.pdf)

<sup>8</sup> <https://www.eurofound.europa.eu/data/platform-economy/typology>



qualquer outra forma de transação não paga (como o Couchsurfing, que combina pessoas que procuram acomodações com pessoas que as oferecem gratuitamente) não são consideradas trabalho de plataforma. Assim, o trabalho em plataforma refere-se a plataformas on-line que correspondem à oferta e procura de mão de obra paga.”

## Entre vantagens e desvantagens, uma realidade crescente

Ser freelancer, estar na economia GIG ou das plataformas, trabalhar por conta própria não é sinal de vida fácil. Tem vantagens reconhecidas, como a autonomia e a flexibilidade<sup>9</sup>, mas tal implica uma muito boa organização pessoal; tem possibilidade de equilibrar a vida pessoal e familiar com o trabalho, mas nem sempre assim é, pois quando uma encomenda tem de ser entregue, muitas vezes o equilíbrio desaparece; não tem de gastar tempo em transportes pois pode trabalhar em casa ou onde quiser, mas os clientes e as encomendas não abundam e podem oscilar entre o ter e o não ter; os rendimentos são incertos e os pagamentos não são fixos como os encargos; na GIG pode-se trabalhar em equipas de projeto, todavia, o trabalho mantém uma carga de solidão apreciável. O trabalhador nestas condições tem de ser ao mesmo tempo o suporte administrativo e contabilístico, o gestor financeiro e fiscal, fazer o seu marketing, cobrar as dívidas, além de planear o seu projeto e gerir o trabalho.

São 4 as “preocupações principais para os trabalhadores: poder de negociação, inclusão económica, cadeias de valor intermediadas e atualização profissional”<sup>10</sup>. “Embora haja benefícios importantes e tangíveis para uma variedade de trabalhadores, há também uma série de riscos e custos que afetam indevidamente os meios de subsistência dos trabalhadores digitais”. No mesmo artigo, são propostas “quatro estratégias amplas – certificação, organização dos trabalhadores digitais, estratégias regulatórias e controle democrático do trabalho on-line em plataformas”.

Na verdade, “quando o trabalho flexível é um eufemismo para um trabalho inseguro e imprevisível, isso prejudica gravemente os trabalhadores”, reconhece o Eurofound<sup>11</sup>

Apesar disso o trabalho GIG não para de crescer. Globalmente, estima-se que 70 milhões de trabalhadores tenham se registado em plataformas de trabalho on-line que facilitam formas remotas de trabalho GIG<sup>12</sup>. A EU publicou recentemente o que poderá ser a melhor e mais

---

<sup>9</sup> Mas atenção que o controlo existe. “O controle algorítmico é central para a operação de plataformas de trabalho on-line. Essa forma de controle difere significativamente do controle taylorista geralmente atribuído ao uso extensivo de ferramentas de gestão informacional. Em contraste com o taylorismo, as técnicas de gestão algorítmica ... facilitam altos níveis de autonomia, variedade de tarefas e complexidade, além de potencial flexibilidade espacial e temporal, at Wood, A. J., Graham, M., Lehdonvirta, V., & Hjorth, I. (2019). Good Gig, Bad Gig: Autonomy and Algorithmic Control in the Global Gig Economy. *Work, Employment and Society*, 33(1), 56–75. <https://doi.org/10.1177/0950017018785616>

<sup>10</sup> Graham, M., Hjorth, I., & Lehdonvirta, V. (2017). Digital labour and development: impacts of global digital labour platforms and the gig economy on worker livelihoods. *Transfer: European Review of Labour and Research*, 23(2), 135–162. <https://doi.org/10.1177/1024258916687250>, na revista científica editada pelo ETUI, Instituto Sindical Europeu, que tem inúmeros estudos relacionados com o tema, aqui: <https://www.etui.org/content/search?SearchText=gig+economy&x=0&y=0>

<sup>11</sup> Eurofound (2019), *Living and working in Europe 2015-2018*, Publications Office of the European Union, Luxembourg, at: [www.eurofound.europa.eu](http://www.eurofound.europa.eu)

<sup>12</sup> Heeks, R (2017) *Decent work and the digital gig economy: a developing country perspective on employment impacts and standards in online outsourcing, crowdwork, etc.* Development Informatics



exata aproximação à realidade<sup>13</sup>, Digital Labour Platforms in Europe , usando de um rigor até então não considerado. Critérios como o tempo, a regularidade – se constitui a sua atividade principal (main = trabalham pelo menos 20h por semana e ganham pelo menos 50% do seu rendimento na plataforma), o seu emprego, se é secundário ou esporádico, o ser presencial ou a distancia e o volume de receita, sendo ou não base de sobrevivência são tidos em conta.

**Table 1: An estimation of platform work as a form of employment (adjusted for high frequency internet use)**

	Panel 1: screener questions		Panel 2: core measures			
	Ever platform work	At least monthly platform work	Sporadic	Secondary	Main	Obs.
Spain	12.5%	10.2%	6.3%	2.6%	2.7%	2,331
UK	12.0%	9.9%	4.3%	3.2%	3.6%	2,320
Portugal	11.5%	7.8%	6.4%	1.8%	2.1%	2,305
Germany	10.6%	8.3%	4.2%	2.5%	2.6%	2,319
Lithuania	10.3%	6.5%	4.0%	1.9%	2.4%	2,308
Netherlands	10.2%	9.0%	4.1%	2.9%	2.8%	2,314
Italy	9.5%	7.5%	4.2%	2.5%	2.4%	2,317
Romania	8.8%	7.0%	4.8%	2.0%	1.4%	2,307
Croatia	7.9%	5.2%	3.7%	1.7%	1.4%	2,300
France	7.6%	6.0%	2.8%	2.3%	1.9%	2,315
Sweden	7.6%	5.5%	3.7%	1.2%	1.7%	2,321
Slovakia	6.9%	5.0%	4.0%	1.1%	0.9%	2,313
Hungary	6.9%	5.2%	2.8%	1.6%	1.8%	2,309
Finland	6.5%	4.6%	3.4%	1.3%	0.9%	2,310
<b>Total</b>	<b>10.5%</b>	<b>8.0%</b>	<b>4.8%</b>	<b>2.3%</b>	<b>2.3%</b>	<b>32,389</b>

*Source: authors' elaborations using COLLEEM 2017; weighted data. To adjust for high frequency internet use, we calculated the share of daily and weekly internet users by country in COLLEEM, divided it by the share of daily and weekly internet users by country in the ICT survey in 2017 (isoc\_ci\_ifp\_fu) and applied it to the estimates of platform workers in COLLEEM. Note: results are slightly different from Pesole et al (2018) because in this paper we use 2017 ICT survey data as opposed to 2016.*

Note-se que os que têm nas plataformas a sua principal atividade mais os que têm nisso uma atividade secundária, são menos do que os que fazem um uso esporádico. Por países, no topo está o Reino Unido, seguido da Holanda e da Espanha, com a Eslováquia e a Finlândia no fim da tabela.

O mesmo estudo também seriou os 10 tipos de tarefas diferentes:

- Tarefas administrativas e de lançamento de dados on-line (por exemplo, atendimento ao cliente, entrada de dados, transcrição e similares);
- Serviços profissionais on-line (por exemplo, contabilidade, jurídico, gerenciamento de projetos e semelhante)
- Trabalho criativo e multimédia on-line (por exemplo, animação, design gráfico, foto edição e similares)

Working Paper no 7. Manchester: Global Development Institute SEED, University of Manchester. Available at: [http://hummedia.manchester.ac.uk/institutes/gdi/publications/workingpapers/di/di\\_wp71.pdf](http://hummedia.manchester.ac.uk/institutes/gdi/publications/workingpapers/di/di_wp71.pdf)

<sup>13</sup> Urzi Brancati, C., Pesole, A., Fernández-Macias, E. (2019), Digital Labour Platforms in Europe: Numbers, Profiles, and Employment Status of Platform Workers, EUR 29810 EN, Publications Office of the European Union, Luxembourg, 2019, ISBN 978-92-76-08955-1, doi:10.2760/16653, JRC117330; [http://publications.jrc.ec.europa.eu/repository/bitstream/JRC117330/jrc117330\\_jrc117330\\_dlp\\_counting\\_ofiling.pdf](http://publications.jrc.ec.europa.eu/repository/bitstream/JRC117330/jrc117330_jrc117330_dlp_counting_ofiling.pdf)



- Trabalho de suporte de vendas e marketing on-line (por exemplo, geração de leads, colocação de anúncios, redes sociais, gerenciamento de mídia, otimização de mecanismos de busca e similares)
- Desenvolvimento on-line de software e trabalho tecnológico (por exemplo, ciência de dados, jogos desenvolvimento, desenvolvimento móvel e similares)
- Trabalho de redação e tradução on-line (por exemplo, redação de artigos, redação, revisão, tradução e similares)
- Micro-tarefas on-line (por exemplo, classificação de objetos, marcação, revisão de conteúdos, web site, feedback e similares)
- Serviços interativos (por exemplo, ensino de idiomas, aulas interativas on-line, consultas e similares)
- Serviços de transporte e entrega (por exemplo, condução, entrega de alimentos, serviços de mudanças e similares)
- Serviços no local (por exemplo, serviço de limpeza, serviços de beleza no local, serviços de fotografia e similares).

No Reino Unido, o número de trabalhadores envolvidos não para de crescer. O número de pessoas que trabalham na economia GIG dobrou nos últimos três anos<sup>14</sup>, - mostra que quase 1 em cada 10 (9,6%) adultos em idade ativa trabalha atualmente em plataformas pelo menos uma vez por semana, em comparação com cerca de 1 em 20 (4,7%) em 2016.

A maioria dos trabalhadores não faz esse tipo de trabalho em período integral. Em vez disso, o “trabalho de plataforma” é usado para complementar outras formas de renda, refletindo que os trabalhadores do Reino Unido poderão estar cada vez mais necessitados de juntar rendimento de fontes diferentes, para uma vida decente.

O termo “trabalho em plataforma” abrange uma ampla gama de trabalhos encontrados em um site ou aplicativo - como Uber, Handy, Deliveroo ou Upwork - e usando um laptop, smartphone ou outro dispositivo conectado à Internet para aceder.

As tarefas incluem condução de táxi, entregas, trabalho de escritório, clique em trabalho, design, desenvolvimento de software, limpeza e reparos domésticos.

A pesquisa referida também revela que trabalhadores mais jovens são de longe os mais propensos a trabalhar na nas plataformas. Quase dois terços (60%) dos trabalhadores intensivos da plataforma (pelo menos uma vez por semana) têm entre 16 e 34 anos. 1 em 7 (15,3%) da população em idade ativa - o equivalente a quase 7,5 milhões de pessoas - já realizou algum trabalho de plataforma. Um quinto (21%) da força de trabalho do Reino Unido é notificado digitalmente se o trabalho estiver à sua espera e um quarto (24,6%) usa aplicativos ou sites para registrar o trabalho que realizou. Quase metade dos dois grupos não eram trabalhadores de plataforma, sugerindo que a economia de gig está a espalhar-se por toda a economia.

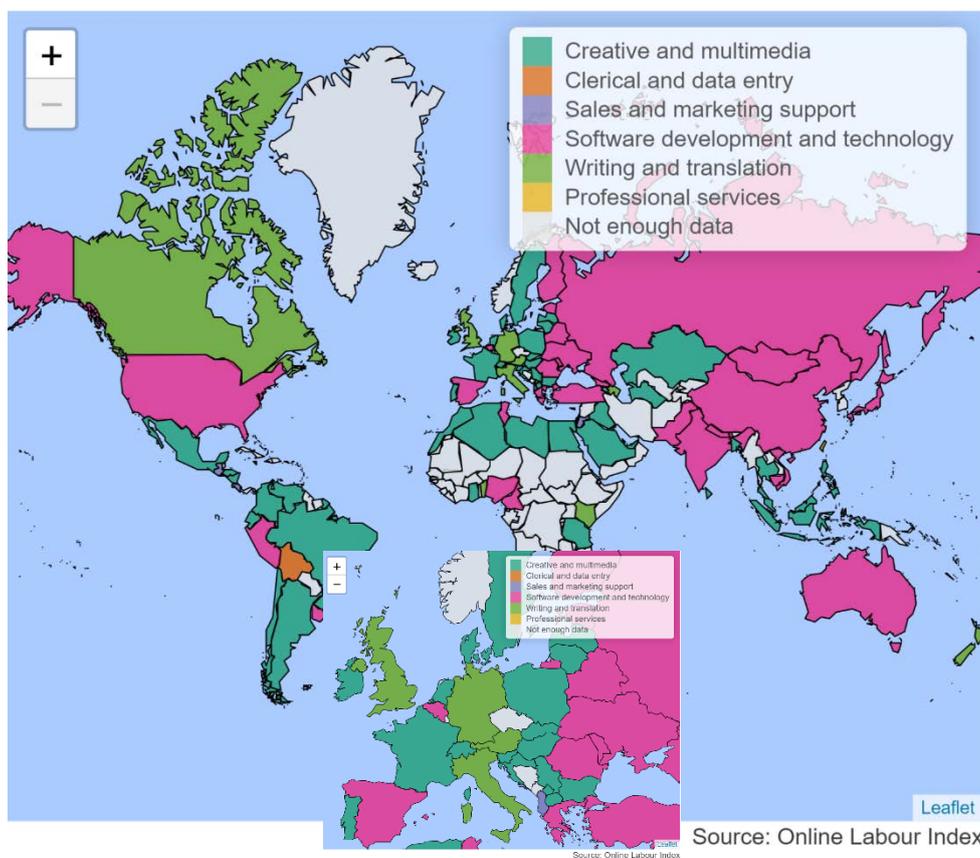
---

<sup>14</sup> De acordo com uma pesquisa apoiada pelo TUC e FEPS publicada em 28 de junho de 2019. A pesquisa - realizada pela Universidade de Hertfordshire e Ipsos MORI teve o apoio da UNI Europa; <https://www.feps-europe.eu/resources/news/289-uk%E2%80%99s-gig-economy-workforce-has-doubled-since-2016,-tuc-and-feps-backed-research-shows.html>



Se escolhermos o RU para detalhar foi por parecer a tendência nos tempos que correm. Mas muitos mais dados podem ser lidos no Online Labour Index, da Universidade de Oxford<sup>15</sup>, bem como perceber por este mapa quais as ocupações e onde estão localizados os trabalhadores online.

Analisando os dados globais, é possível perceber que “o aumento registado no mercado dos freelancers foi sobretudo sustentado pela procura de profissionais das áreas tecnológicas e de desenvolvimento de software, com um aumento de 37% no número de freelancers a trabalhar nesta área entre julho de 2016 e julho de 2017. O segundo grande grupo de profissionais a trabalhar remotamente como freelancers é dos que desempenham funções criativas e desenvolvem projetos multimédia (21%)”<sup>16</sup>.



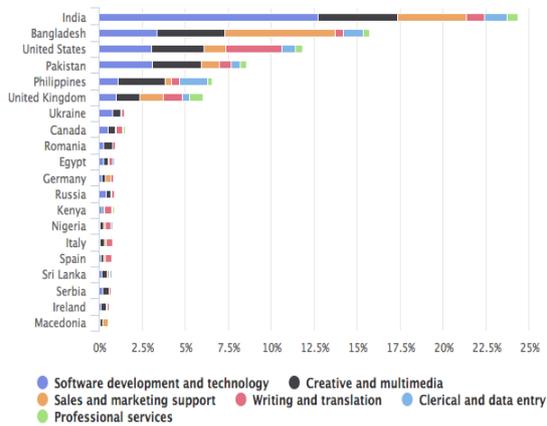
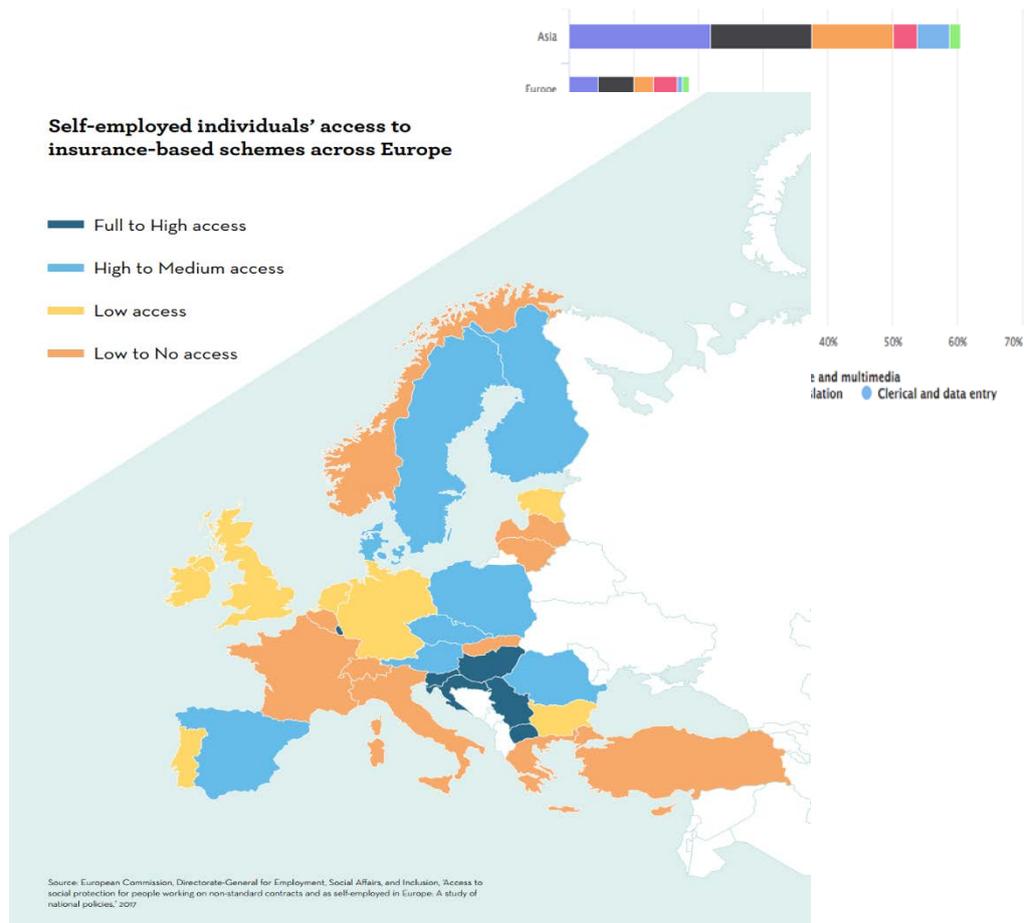
O cenário é diferente no norte europeu e na zona leste. No primeiro caso, a maior fatia dos profissionais liberais exerce funções nas áreas da criatividade, produção multimédia e comercial/vendas. Na Europa de Leste, o desenvolvimento de software e a tecnologia dominam.

É também por este índice que percebemos o peso relativo entre vários países e continentes:

<sup>15</sup> The Online Labour Index (OLI) is the first economic indicator that provides an online gig economy equivalent of conventional labour market statistics. It measures the supply and demand of online freelance labour across countries and occupations by tracking the number of projects and tasks across platforms in real time; <http://ilabour.oii.ox.ac.uk/online-labour-index/>

<sup>16</sup> <https://expresso.pt/economia/2017-12-30-Trabalho-flexivel-gera-mais-de-270-mil-milhoes-por-ano-na-Europa>





Uma referencia ainda sobre a cobertura de segurança social para estes trabalhadores, na EU:

A situação é díspar mas este é um aspeto extremamente importante para a condição de quem trabalha e talvez mesmo até para o maior ou menor crescimento dos trabalhadores envolvidos.



## E em Portugal?

Em Portugal o trabalho GIG ou dos freelancers está muito longe da realidade de países como os EUA ou a Índia.

Em final de 2017, segundo o Instituto Nacional de Estatística<sup>17</sup>, Portugal contava mais de 790.000 TPCP (trabalhadores por conta própria). Terão crescido 0,5% em 2018, sobretudo os que têm o ensino secundário ou médio e superior.

Destes, 550.000 eram freelancers. Representavam então 16% da população empregada.

Este é um valor dentro da média da União Europeia, embora longe do Reino Unido.

Na verdade apenas cerca de 2% vivem do trabalho em plataformas e no total pouco mais de 10% dos trabalhadores usam ou usaram as mesmas, segundo o estudo da Comissão Europeia<sup>18</sup>.

Segundo o OLI<sup>19</sup>, as 3 áreas principais de atividade dos freelancers em Portugal são em primeiro lugar os trabalhos criativos e multimédia, depois a escrita e traduções e a seguir o desenvolvimento de software e tecnologia.

Cátia Mateus publicou no suplemento de Economia do semanário Expresso<sup>20</sup> um artigo onde comentou que se fala muito “do imenso potencial e qualificação dos profissionais portugueses na área tecnológica, mas a análise da Universidade de Oxford no âmbito do Online Labour Index (enquadrado no iLabour Project) revela que, à semelhança de outros países do Sul da Europa (França, Espanha e Itália), a escrita e a tradução são os pontos fortes dos freelancers portugueses, ainda que o país também se destaque na prestação de serviços profissionais e nas tecnologias de informação”.

Sendo que o número destes profissionais cresce acentuadamente em todo o mundo (a economia GIG online cresceu 26% de 2017 para 2018) em Portugal, esta modalidade parece não ter ainda ganho muitos adeptos. Portugal é mesmo dos países identificados no estudo da Adecco em colaboração com o LinkedIn<sup>21</sup> como um daqueles em que existe maior resistência ao trabalho flexível. Os portugueses continuam a preferir um trabalho a tempo inteiro e estável: 54%. A maioria dos que têm um trabalho flexível, 82%, são jovens entre os 18 e os 26 anos.

---

<sup>17</sup> Para estatísticas sobre Portugal, aconselha-se o uso da base de dados PORDATA. Ver aqui: <https://www.pordata.pt/Portugal>

<sup>18</sup> Urzì Brancati, C., Pesole, A., Fernández-Macías, E. (2019), Digital Labour Platforms in Europe: Numbers, Profiles, and Employment Status of Platform Workers, EUR 29810 EN, Publications Office of the European Union, Luxembourg, 2019, ISBN 978-92-76-08955-1, doi:10.2760/16653, JRC117330; [http://publications.jrc.ec.europa.eu/repository/bitstream/JRC117330/jrc117330\\_jrc117330\\_dlp\\_counting\\_pr\\_ofiling.pdf](http://publications.jrc.ec.europa.eu/repository/bitstream/JRC117330/jrc117330_jrc117330_dlp_counting_pr_ofiling.pdf)

<sup>19</sup> <https://ilabour.oii.ox.ac.uk/online-labour-index/>

<sup>20</sup> <https://expresso.pt/economia/2017-12-30-Trabalho-flexivel-gera-mais-de-270-mil-milhoes-por-ano-na-Europa>

<sup>21</sup> <https://www.adecco.pt/mundo-laboral/mais-de-metade-dos-portugueses-prefere-um-trabalho-a-tempo-inteiro/> e aqui o estudo <https://www.adeccogroup.com/wp-content/themes/ado-group/downloads/the-adecco-group-flexible-working.pdf>



Também Mário Rocha, da Hays<sup>22</sup>, afirma que “é difícil adaptar esta realidade ao nosso País”, já que em Portugal, “ainda prevalece a lógica dos contratos permanentes e olha-se para o trabalho temporário como sinónimo de alguma precariedade”. De facto, o trabalho temporário, em Portugal, ainda prevalece na área dos serviços e dá resposta, principalmente, “a empresas que precisem de fazer a substituição temporária de um funcionários, dar resposta a picos sazonais ou, em caso de multinacionais, que tenham admissões congeladas”, acrescenta.

Também para Amândio da Fonseca, da EGOR<sup>23</sup>, a cultura portuguesa é o principal bloqueio a este crescimento: “A expectativa (é a ) de entrar para uma empresa a tempo completo e alcançar um contrato sem termo”.

Já quanto aos parceiros sociais sindicais, parecem sobretudo afastados do fenómeno, ou reagindo muito lentamente, não o antecipando, nem assumindo particular modelo de trabalho ou organização desses trabalhadores.

O entendimento geral é o de que se trata de precariado e tudo é tratado, falado, debatido como um problema mais geral e sem a particularidade do trabalho GIG. Os freelancers estarão num campo intermédio entre serem “patrões de si mesmos” e TPCO (trabalhadores por conta de outrem) – o que é compreensível, por em muitos casos o patronato usar este artifício, ilegalmente, de contratar a recibo verde (trabalhador autónomo) para postos de trabalho permanentes. Têm as centrais sindicais pois reivindicações específicas para os trabalhadores precários e tentam organiza-los nos sindicatos de ramo de atividade.

Mas uma reflexão estratégica virada para o futuro que chegará, sobre o trabalho GIG, as plataformas, os freelancers, não tem evidência de existir. Nas suas montras de comunicação, os sites corporativos, a UGT refere apenas uma taxação reduzida para trabalhadores contratados a termo<sup>24</sup> e a CGTP tem 2 ou 3 linhas sobre formas de trabalho atípico, expressando concretamente o trabalho GIG, no âmbito da Conferência Sindical Internacional "O futuro do trabalho" (em 2017)<sup>25</sup>.

Entretanto, a Uber e a Cabify, ou a BNB, ou a Uber eats, mais todos os que estão registados nas várias plataformas de serviços já estão na economia, já influenciam a vida da sociedade e de muitos cidadãos, mas os que nela trabalham, estão sem cobertura social, sem organização para se defenderem e sem direito a negociação coletiva.

E, agora, para o futuro? Como diz a Professora Maria do Rosário Palma Ramalho ao Expresso<sup>26</sup>: “a economia digital é uma revolução do Direito do Trabalho. O paradigma das relações de trabalho pode estar a mudar radicalmente. O nosso Direito do Trabalho é apenas o regime jurídico de uma forma de trabalho, que é o trabalho subordinado — é o Direito do Emprego. E

---

<sup>22</sup> <https://www.dinheirovivo.pt/carreiras/gig-economy-a-nova-moda-do-mercado-laboral-nao-serve-a-portugal/>

<sup>23</sup> <https://www.dinheirovivo.pt/carreiras/gig-economy-a-nova-moda-do-mercado-laboral-nao-serve-a-portugal/>

<sup>24</sup> <https://www.ugt.pt/comunicados/comunicados-305?ano=2018&newsid=2477>

<sup>25</sup> <http://www.cgtp.pt/cgtp-in/areas-de-accao/internacional/eventos/11314-conferencia-internacional-o-futuro-do-trabalho?highlight=WyJnaWciXQ==>

<sup>26</sup> <https://leitor.expresso.pt/semanario/semanario2443/html/economia-/emprego/viagem-ao-trabalho-de-ha-100-anos>





agora, verdadeiramente, vai ter de se adaptar ao Direito do Trabalho, porque nem todo o trabalho é um emprego, no sentido de relação subordinada”.



## RESULTADOS DA PESQUISA

Na fase analítica do projeto, fez-se uma pesquisa complexa aplicada a uma ampla área no mercado de trabalho, forneceu uma imagem relevante e a situação da economia GIG no ambiente de trabalho português.

As discussões com trabalhadores independentes e imersos no modelo de economia GIG, revelam as razões económicas profundas, a função da atividade freelance e o seu lugar na vida profissional.

A pesquisa gerou um perfil do trabalhador independente que esta no modelo GIG:

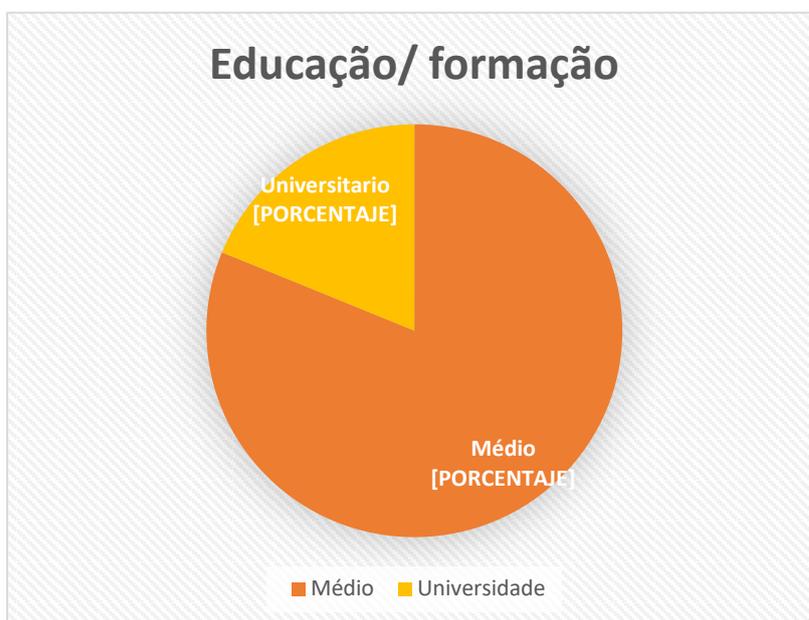
- nível médio ou superior de educação, menos da formação profissional
- experiência anterior como empregado de médio ou longo prazo ou no presente empregado
- em geral satisfeito com: a flexibilidade do horário de trabalho e o equilíbrio entre a vida profissional e pessoal, o nível de empoderamento e a independência na vida profissional e o nível da renda
- insatisfeito com: o desenvolvimento profissional, o nível de reconhecimento, as oportunidades de aprendizagem e, em alguns casos, o horário de trabalho atípico
- esta afiliado ou quisera afiliar-se no sindicato

O trabalho independente é visto como uma resposta a necessidade de completar a renda, uma atividade complementar, abordada por trabalhadores com experiência profissional e também por jovens que ingressam no mercado de trabalho, pois apresentam maior taxa de sucesso na procura de clientes.

Um olhar para o futuro, do ponto de vista deles, não prevê mudanças importantes, talvez até um aumento do nível de trabalho independente mas não num nível considerável. Há uma necessidade expressa de regulamentação em termos de: acordo coletivo para trabalhadores independentes e medidas destinadas a apoiar e proteger os freelancers registrados e proporcionar maior segurança no emprego. Isso também é percebido como uma maneira de se registrar e regular toda a atividade independente em execução na economia submersa do GIG.

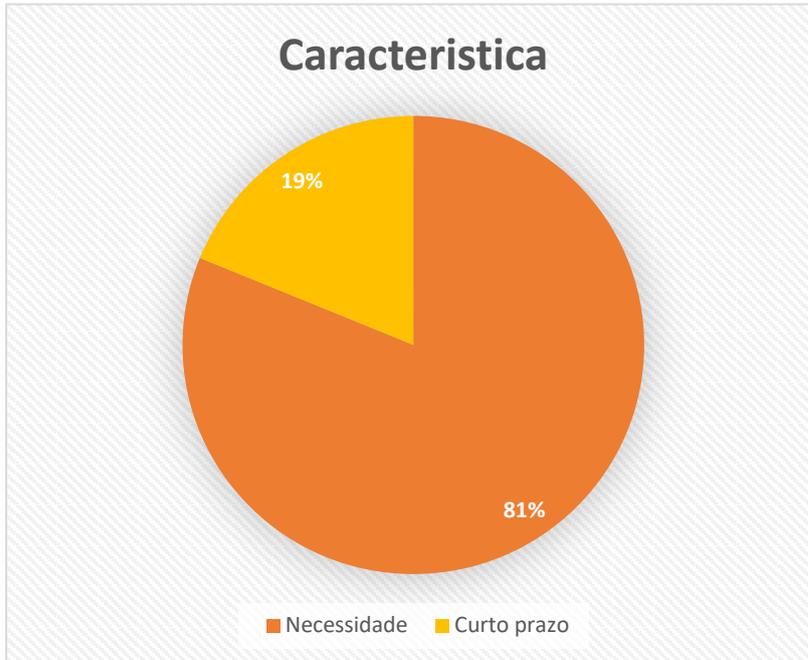
O questionário on-line forneceu uma série de dados para a pesquisa, detalhados abaixo.

O nível de escolaridade dos entrevistados:



Nota: O segmento mais relevante da população ativa envolvida na economia GIG tem esse perfil de formação educacional, mas precisa destacar a tendência crescente de profissionais com diploma universitário ou superior.

A principal característica da atividade independente



Nota: O equilíbrio indica o conceito de trabalho independente com base na necessidade ou como atividade de curto prazo.

Tipo de renda



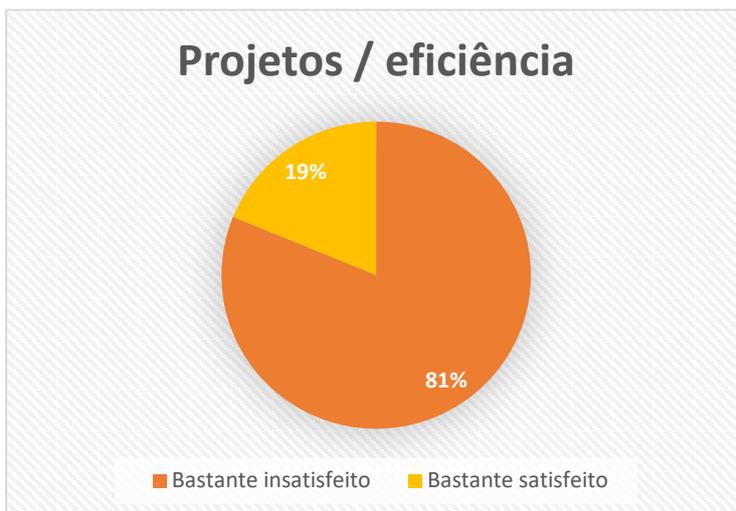
Nota: os dados estão confirmando a tendência identificada no gráfico anterior, o que significa que a renda das atividades freelance é principalmente complementar, não a primeira ou única fonte.



O nível de satisfação sobre o tempo de trabalho / independência



Nota: O primeiro benefício indicado para esse tipo de atividade profissional é a organização do tempo de trabalho, em termos da independência e da flexibilidade.



O nível de satisfação com projetos / eficiência

Nota: A independência também é destacada para à escolha dos projetos e ao desempenho do trabalho.

A qualidade da proteção social



**Nota:** A 100% satisfação com a proteção social indica um alto nível de regulamentação para esse tipo de atividades, bem como uma cobertura nacional dela.



### O impacto na vida pessoal



Nota: A análise do impacto das atividades independentes (também no próximo gráfico) indica a motivação para escolhê-lo, que é o benefício para a vida pessoal, mais especificamente para o equilíbrio entre vida profissional e pessoal.

Nota: Os benefícios para o desenvolvimento de carreira são vistos como motivadores, especialmente associados com a independência na escolha dos projetos.

### O impacto na vida profissional



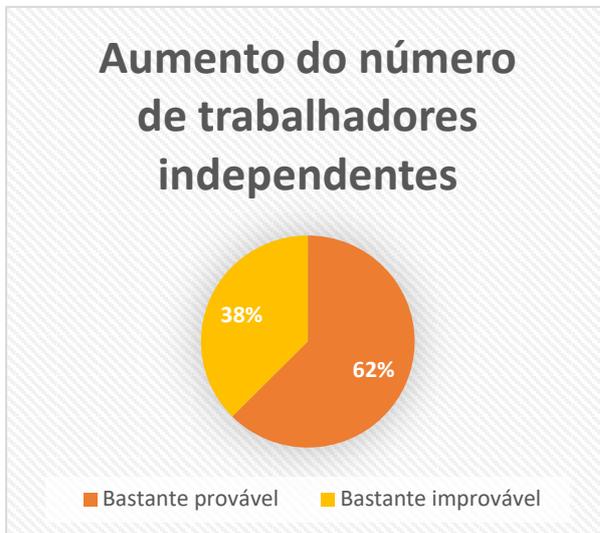
### O impacto na renda



Nota: Considerando a atividade independente geralmente complementar, esses dados confirmam os benefícios financeiros adicionais ao saldo geral da renda.



A perspectiva do aumento do número de trabalhadores independentes



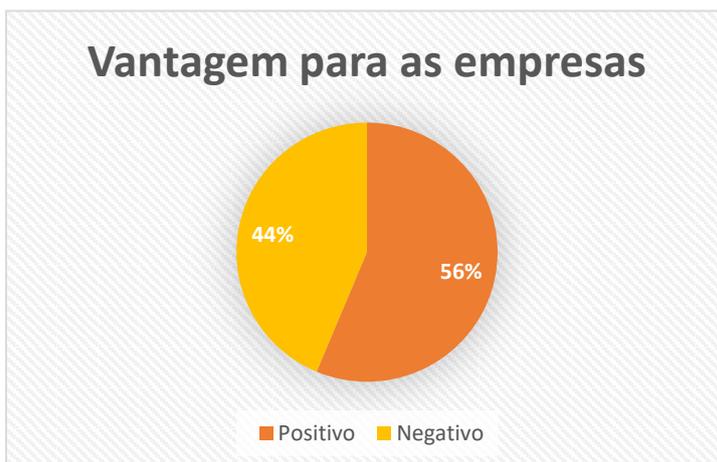
Nota: A tendência identificada pelos trabalhadores envolvidos em atividades freelancers é geralmente crescente. Isso pode estar relacionado tanto à perspectiva de baixo nível de salários que gera necessidades de renda complementar ou, possivelmente, à tendência de tornar-se a principal fonte de renda no futuro para muitos profissionais.

O nível de vantagem para os clientes



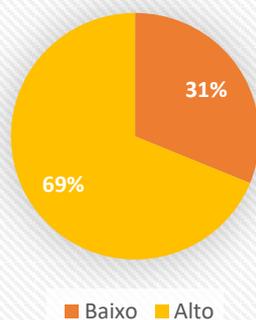
Nota: Os principais beneficiários da atividade independente são identificados como os clientes, pois o nível de desempenho foi definido como alto nos dados coletados anteriormente.

O nível de vantagem para as empresas



Nota: Os benefícios para as empresas não são tão altos quanto para os clientes, indicando um certo nível de competição entre o trabalho freelancer e o contrato.

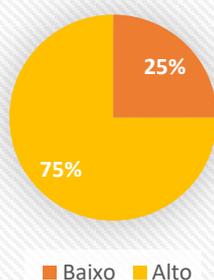
### Risco para o emprego em tempo inteiro



O nível de risco para o emprego em tempo inteiro

**Nota:** A tendência crescente mencionada anteriormente está gerando a percepção de risco para o emprego em período inteiro.

### Necessidade de proteção e representação dos trabalhadores



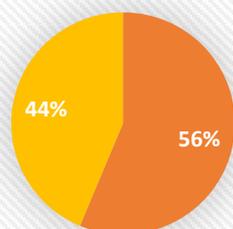
A necessidade de proteção e representação dos trabalhadores

**Nota:** O papel dos sindicatos e de outros organismos de representação dos trabalhadores está cobrindo o mesmo nível como nos outros tipos de atividades, indicando a percepção geral positiva.

Uma oportunidade para trabalhadores jovens ou inexperientes



## Oportunidade para trabalhadores jovens ou inexperientes



■ Bastante provável    ■ Bastante improvável

**Nota:** Alinhada ao conceito complementar, a atividade independente é vista como um ganho de experiência, uma oportunidade para jovens trabalhadores, mais do que um passo principal em sua carreira.

## CONCLUSÃO

Em Portugal, o trabalho independente é percebido principalmente como uma atividade complementar ou a solução para trabalhadores jovens e inexperientes. Os efeitos positivos no desenvolvimento da carreira ou na renda não são suficientes para promovê-la como principal escolha profissional ou a única fonte de renda.

Os trabalhadores e os representantes dos trabalhadores expressaram diretamente a necessidade para regulamentação, proteção e representação de trabalhadores independentes, bem como a participação de sindicatos por meio de ações de conscientização. Considerando a confiança geral na representação dos trabalhadores e o seu papel central no mercado de trabalho, é relevante considerar esses dados como o insumo importante para aumentar a conscientização.

A economia GIG é uma prática cada vez mais presente na economia portuguesa, mas não atingiu o nível de fenômeno do trabalho como nos outros países da UE e o seu impacto foi sentido principalmente para as categorias profissionais específicas. Mesmo assim, é um tópico de importante relevância para o futuro, especialmente precisa ser considerado pelos sindicatos na construção das suas estratégias ao longo prazo e os cenários futuros.

